A vida dela vai mexer consigo...

flor do deserto

Waris Dirie • Cathleen Miller



AGORA NUMA ADAPTAÇÃO AO CINEMA

ASA

A FLOR DO DESERTO

ERA FILHA DO DESERTO, tão persistente e bela como as flores que por lá despontam depois das chuvas. SobrevIveu ao calor, a seca e às privações. Mas o teste mais terrível que teve de enfrentar foi um ritual de Passagem brutal.

Hoje, Waris Dirie, uma das mulheres mais fascinantes do mundo da moda, conta a incrível história da sua vida, desde a cabana de um pastor de cabras na Somália até às páginas da Vogue.

Ao revelar o seu doloroso e íntimo segredo, esta mulher corajosa espera pôr termo a uma tradição que já mutilou demasiadas mulheres inocentes ao longo de demasiados anos.

UM CAMINHO SOLITÁRIO

Minha família era uma tribo de criadores de cabras do deserto da Somália. Durante a infância, a liberdade que tinha para experimentar as vistas, os sons e os odores da Natureza foi algo de maravilhoso: juntamente com as outras crianças da tribo, vi leões deleitando-se com os banhos de sol, corri no meio de girafas, zebras e raposas, persegui iraras (animais do tamanho de um coelho) pelo meio da areia... Fui muito feliz.

Mas, gradualmente, esses tempos de felicidade foram desaparecendo e a vida tornou-se mais dura. Aos 5 anos, já eu sabia o que era ser mulher em África, levando uma vida de sofrimento de uma forma passiva e sem esperança.

As mulheres são a espinha dorsal de África, pois são quem faz a maior parte do trabalho. No entanto, quando se trata de tomar decisões, nunca são ouvidas. Nunca lhes perguntam seja o que for e por vezes nem sequer podem escolher os maridos.

Ao completar 13 anos, já estava farta de todas estas tradições. já não era uma criança, era rápida e muito robusta. Até então, não tivera escolha senão sofrer. Mas agora chegara a altura de fugir!

Minha viagem ao mundo do pesadelo começou quando o meu pai me comunicou que já tinha combinado o meu casamento. Sabendo que tinha de agir rapidamente, disse à minha mãe que queria fugir. Meu plano era ir ter com uma tia que vivia em Mogadíscio (a capital), onde nunca estivera.

Certa noite, enquanto o meu pai e o resto da família dormiam, a minha mãe acordou-me e disse:

- Vai agora!

Olhando em redor, verifiquei que não havia nada que pudesse levar comigo (água, leite ou comida). Assim, descalça e só com um lenço a cobrir-me o corpo, precipitei-me rapidamente para a escuridão do deserto.

Não sabia para que lado ficava Mogadíscio. Limitei-me a correr. Ao princípio devagar, pois não conseguia ver. Mas conforme o céu se foi iluminando, disparei, tendo corrido ao longo de várias horas.

Ao meio-dia, encontrava-me no meio de uma areia avermelhada e profunda. A paisagem estendia-se até à eternidade. Faminta, sedenta e cansada, abrandei.

Enquanto pensava naquilo que estaria para vir, ouvi:

- Waris! Waris!

A voz do meu pai ecoava à minha volta! Apesar de ter conseguido um avanço, o meu pai lograra encontrar-me, seguindo para isso o rasto das minhas pegadas, marcadas na areia. Estava próximo!

Comecei novamente a correr. Olhando para trás, vi-o a passar o cimo de uma duna. Ele também me viu. Aterrorizada, aumentei a velocidade. Era como se estivéssemos a surfar pelo meio de ondas de areia: enquanto eu subia uma duna, ele descia outra atrás de mim. E assim continuamos durante horas e horas, até que me apercebi de que já não o via há algum tempo e também deixara de o ouvir chamar.

Continuei a correr até ao pôr do Sol. A noite desceu, tão escura que deixei de

ver. Nessa altura, achava--me esfomeada e os meus pés sangravam. Sentei-me então junto a uma árvore para descansar e, pouco depois, adormeci.

Na manhã seguinte, fui acordada pelo sol escaldante. Levantei-me então e continuei a correr. E

assim foi durante vários dias - marcados pela fome, pela sede, pelo medo e pela dor.

Quando ficava demasiado escuro para ver, parava. Ao meio-dia, sentava-me à sombra de uma árvore e dormia uma sesta.

Foi durante uma destas ocasiões que fui acordada por um leve ruído. Abrindo os olhos, deparei então com a cara de um leão! Tentei levantar-me, mas já não comia há vários dias e as minhas pernas fraquejaram, fazendo-me cair de costas contra o tronco da árvore que me protegera do

implacável sol africano. Minha longa viagem através do deserto terminava ali. Mas não tive medo: estava pronta para morrer.

- Vem buscar-me se és capaz! - desafiei-o. - Estou pronta.

O enorme felino voltou a contemplar-me e os meus olhos fixaram-se nos dele. Lambendo os lábios, começou então a andar para trás e para frente diante de mim, elegante.e sensual.

Conseguiria devorar-me em segundos.

Mas não o fez: ao fim de algum tempo, virou-me as costas e foi-se embora.

Quando me apercebi de que o leão não me ia devorar, soube que Deus tinha algo planejado para mim,que tinha de haver uma razão para ter continuado viva.

- Qual será? - perguntei enquanto me tentava levantar.

Até fugir de casa, a minha vida centrara-se à volta da natureza e da família. Tal como acontece com a maioria dos Somalis, vivíamos do pastoreio, criando vacas, ovelhas e cabras. Nossa sobrevivência diária era assegurada

pelos camelos, cujas fêmeas nos davam o leite que nos alimentava e matava a sede, algo bastante precioso quando se vive longe da água. De manhã, levantávamo-nos com o Sol. Nossa primeira tarefa era ir até aos currais e mungir o gado. Onde quer que fôssemos, colhíamos arbustos para fazer cercas para que o gado não fugisse durante a noite.

Criávamos animais acima de tudo pelo seu leite, mas também para os trocarmos por outros bens.

Ainda pequena, foi-me atribuída a tarefa de levar rebanhos de entre 60 e 70 ovelhas e cabras a pastar no deserto. E lá passei eu a levá-las todos os dias com o meu cajado, cantando uma cantilena para as orientar.

Ninguém é dono das terras de pasto da Somália, pelo que ficava à minha responsabilidade descobrir terras com muitas plantas. Enquanto os animais pastavam, ficava alerta: as hienas ou outros predadores podiam aproximar-se sorrateiramente e apanhar um cordeiro ou um cabrito que se afastasse dos outros. E havia também os leões, que caçavam em grupo ... e eu estava ali sozinha!

Tal como o resto da minha família, não faço idéia da idade que tenho: posso apenas imaginar.

Vivíamos de acordo com as estações do ano e o Sol, planeando a instalação dos nossos acampamentos consoante as necessidades que tínhamos de chuva e os nossos dias pelo número de horas de luz solar.

Nossa casa era uma cabana semelhante a uma tenda, feita de erva presa a uma estrutura de madeira. Quando chegava a altura de mudarmos o acampamento, desmontávamos a cabana e amarrávamos as suas diversas partes ao dorso dos camelos. Depois, quando encontrávamos um local com água e vegetação, montávamos tudo novamente.

Meu pai era um homem muito bonito, com cerca de 1,80 m, elegante e de pele mais clara que a minha mãe. Também ela era muito bonita: a sua cara assemelhava-se a uma escultura de Modigliani e tinha a pele escura e suave, como que cinzelada de uma forma perfeita a partir de mármore escuro. A sua maneira de estar era muito calma e temperada, mas quando começava a falar

tornava-se muitíssimo engraçada, sempre com piadas ou observações disparatadas para nos fazer rir. Crescera em Mogadíscio no seio de uma família rica e poderosa. Meu pai, pelo contrário, sempre fora pastor no deserto. Quando pediu a mão da minha mãe, a minha avó respondeu-lhe:

- De maneira nenhuma!

No entanto, por volta dos 16 anos, a minha mãe acabou por fugir para casar com ele.

Minha mãe dava-me o nome carinhoso de Avdohol, que significa «Boca Pequena». Mas como nome verdadeiro escolheu Waris, que na nossa língua é o nome de uma flor do deserto. No meu país chegam a passar-se meses sem chover e, nessas alturas, são poucas as coisas pequenas que conseguem sobreviver. Mas mal a chuva vem, despontam os rebentos daquela flor amarelo-alaranjada, num verdadeiro milagre da Natureza.

DE MENINA A MULHER

Numa cultura nômade como aquela em que fui criada, não há lugar para mulheres solteiras, pelo que as mães se acham no dever de assegurar que as suas filhas tenham boas possibilidades de conseguir marido.

E dado que, segundo a mentalidade dominante da Somália, as meninas têm «coisas más» entre as pernas, uma mulher é considerada porca, excessivamente sexuada e imprópria para ser desposada se essas «coisas» (o clítoris, os lábios inferiores e uma grande parte dos lábios superiores da vagina) não lhe forem amputadas. Feita a operação de remoção, a ferida é depois cosida, ficando apenas um pequeno orifício e uma cicatriz no local dos órgãos genitais. A esta prática chama-se infibulação.

O pagamento às mulheres que infibulam as jovens é uma despesa muitíssimo avultada para qualquer família. Considera-se no entanto que o investimento vale a pena, pois sem ele as filhas nada valerão no mercado dos casamentos.

Os verdadeiros pormenores desta amputação ritual nunca são verdadeiramente explicados às meninas: é tudo um mistério. Apenas se sabe que algo de especial vai acontecer quando chega a altura. Como resultado,

todas as jovens da Somália esperam sempre com ansiedade a cerimônia que assinalará a sua passagem ao estatuto de mulheres. Originariamente, a cerimônia efetuava-se quando as jovens chegavam à puberdade. Contudo, com o passar do tempo, foi-se antecipando cada vez mais a idade em que ela é feita.

Certa noite, tinha eu cerca de 5 anos, a minha mãe disse-me:

- Teu pai foi ter com a circunsisadora. Ela vem aqui um destes dias.

Na noite anterior à minha circuncisão, a minha família prestou-me especial atenção e recebi uma quantidade suplementar de comida ao jantar. Minha mãe disse-me para não beber demasiada água ou leite. Durante toda a noite, não consegui pregar olho com a excitação. Até que de repente vi a minha mãe fazer-me sinal para a seguir. Ainda estava escuro. E, agarrando no meu pequeno cobertor, lá fui eu atrás dela.

Afastamo-nos do acampamento e embrenhamo-nos no mato.

- Esperamos aqui - disse ela.

Sentamo-nos então no chão frio. O Sol começava já a nascer, e pouco depois ouvi o barulho das sandálias da circunsisadora. De repente, sem que eu me tivesse sequer apercebido da sua aproximação, lá estava ela ao meu lado.

- Senta-te ali - ordenou-me, apontando para uma pedra de superfície plana. Não houve conversa: foi direita ao assunto.

Minha mãe colocou-me sobre a pedra na posição desejada, sentando-se depois atrás de mim e cingindo a minha cabeça ao seu peito, enquanto as suas pernas me prendiam o corpo. Coloquei os meus braços em redor das suas coxas. Foi então que pegou numa raiz de uma árvore antiga que colocou na minha boca.

- Morde isto - disse.

Congelei de medo.

- Isto vai doer - choraminguei com a raiz na boca.

Ao que a minha mãe, inclinando-se sobre mim, respondeu:

- Tenta portar-te bem, querida. Tem coragem por mim e vais ver que passa num instante.

Olhando por entre as minhas pernas, vi a velha circunsisadora, que me fixou com um olhar severo e mortífero antes de se debruçar sobre

O que senti a seguir foi uma lâmina a cortar a minha carne.

saco igualmente velho. Remexendo-o com os seus longos dedos, acabou por retirar de lá uma lâmina de barbear partida. Na sua ponta irregular distingui vestígios de sangue seco. Cuspindo para a lâmina, limpou-a no seu próprio vestido. Entretanto, fiquei na escuridão: a minha mãe colocara-me uma venda nos olhos. O que senti a seguir foi a minha carne a ser cortada.

Conseguia ouvir a lâmina a serrar-me a pele. Foi uma sensação indescritível. Permaneci imóvel, dizendo a mim própria que, quanto mais me mexesse, mais tempo duraria aquela tortura.

Infelizmente, a dada altura as minhas pernas começaram a tremer sem que eu as conseguisse controlar. Rezei então:

- Por favor, meu Deus, faz que isto acabe depressa.

E não durou muito mais, porque entretanto desmaiei.

Quando acordei, já não tinha os olhos vendados e a circunsisadora tinha juntado uma pilha de espinhos de acácia ao pé de si, que utilizou para me fazer perfurações na pele, após o que me suturou com um fio branco. As minhas pernas estavam completamente dormentes, mas a dor que sentia no meio delas era tão grande que só queria morrer.

As minhas recordações terminam nesse instante, até ao momento em que voltei a ficar consciente e verifiquei que a circunsisadora já se fora embora. As minhas pernas tinham sido atadas uma à outra, desde os tornozelos até às coxas, com tiras de pano para que não as conseguisse mexer.

Virando a cabeça para a pedra, verifiquei que a sua superficie estava cheia de sangue, como se alguém tivesse ali morto um animal. juntamente com o sangue, vi também pedaços da minha carne secando ao sol.

As ondas de calor escaldavam-me o rosto, até que a minha mãe e a minha irmã mais velha, Aman, me arrastaram para a sombra de um arbusto para depois construírem o que iria ser o meu abrigo temporário. Era assim a tradição: construía-se uma pequena cabana à sombra de uma árvore onde as pessoas submetidas à amputação ficavam a descansar e a recuperar sozinhas durante as semanas que se seguiam.

Após várias horas de espera, senti um desejo incontrolável de aliviar a bexiga. Chamei então a minha irmã, que me rodou para o lado e escavou uma pequena cova na areia.

- já podes - disse ela.

À primeira gota foi como se a minha pele estivesse a ser roída por ácido. Após a circunsisadora me ter cosido, a única abertura que ficara para escoar a urina (e, mais tarde, o sangue menstrual) era algo de minúsculo, com a largura de um pau de fósforo.

Conforme os dias se foram arrastando, continuei na minha cabana. Entretanto, a ferida infectara e tive febres muito altas. Tão depressa estava consciente como não. Minha mãe trouxe-me comida e água para as duas semanas seguintes.

Deitada ali sozinha, com as pernas ainda amarradas uma à outra, nada mais fazia senão perguntar-me:

- Porquê? Para quê tudo isto?

Naquela idade, nada sabia sobre sexo. A única coisa que sabia era que, tinha sido brutalmente amputada com o beneplácito da minha mãe.

Sofri muito na seqüência da minha circuncisão, mas mesmo assim tive sorte: muitas meninas morrem com hemorragias, com o choque, com infecções ou de tétano após serem submetidas àquela prática. E dadas as condições em que

tudo aquilo é feito, acaba por ser surpreendente que algumas de nós consigam sobreviver.

O CASAMENTO

Tinha cerca de 13 anos quando, certa noite, o meu pai entrou em casa.

- Venha cá – chamou-me em tom suave.

Normalmente, era muito severo, pelo que fiquei desconfiada.

- Sabes - continuou, sentando-me no seu joelho -, tens sido uma ótima filha!

Nessa altura, tive a certeza de que algo se passava.

- Tens trabalhado como um homem, tomando bem conta dos animais. E quero que saibas que vou ter muitas saudades tuas ...

Quando ele disse isto, pensei que estivesse com medo de que eu fugisse, como acontecera já com a minha irmã Aman quando ele lhe começou a procurar marido.

- Oh, papai, eu não me vou embora para lado nenhum! - interrompi, abraçando-o.

- Vais sim - respondeu, afastando-se um pouco para me poder olhar nos olhos. - Arranjei-te um marido!

- Oh, não, papai, não! - exclamei, abanando a cabeça. - Não me vou casar!

Com o tempo, ficara rebelde, respondona e destemida, pelo que o meu pai se viu na contingência de ter de me arranjar rapidamente um marido antes que eu deixasse de ser um bem valioso.

Nenhum homem africano gosta de ter uma mulher que o desafie. Senti-me enjoada e com medo.

No dia seguinte, encontrava-me a ordenhar as vacas quando o meu pai me chamou:

- Venha cá, minha filha. Este é o senhor ...

Não ouvi mais nada: os meus olhos fixaram-se imediatamente num homem ali sentado, agarrado a uma bengala. Tinha pelo menos 60 anos e uma longa barba branca.

- Waris, este é o senhor Galool.

- Olá - saudei-o no tom mais frio que encontrei.

Mas o velho tonto limitou-se a ficar ali sentado, sorrindo para mim, apoiado à bengala. Fixei-o com pavor, olhando depois para o meu pai. Ao ver a minha cara, ele compreendeu que a melhor estratégia seria mandar-me embora para que eu não espantasse o meu possível futuro marido.

- Vai acabar o teu trabalho. - ordenou.

E lá corri eu de volta para as minhas cabras.

No dia seguinte, cedo pela manhã, o meu pai chamou-me:

- Sabes, aquele era o teu futuro marido.

- Mas, papai - retorqui -, ele é tão velho!

- São os melhores: é demasiado velho para andar para aí às voltas, logo nunca irá te deixar.

Olhará por ti. E, além disso - continuou com um sorriso orgulhoso -, vai-me dar cinco camelos!

Nesse dia, ao sentar-me enquanto vigiava as cabras, sabia que era a última vez que olhava pelo rebanho do meu pai. Imaginei a minha vida com o velho nalgum canto remoto do deserto: eu a fazer o trabalho todo, enquanto ele coxeava de um lado para o outro agarrado à bengala ... eu a ficar sozinha depois de ele ter tido um ataque de coração ... Ou eu a educar quatro ou cinco bebês sozinha depois de ele morrer.

Tomei então uma decisão: aquilo não era vida para mim!

Nessa noite, após toda a gente ter ido para a cama, aproximei-me da minha mãe (que ainda se encontrava junto à fogueira) e sussurrei-lhe:

- Vou fugir.

- Chiu, não faça barulho! - respondeu. - E para onde é que vais?

- Para Mogadíscio. - Minha irmã Aman estava lá.

- Vai para a cama! - O seu olhar severo parecia dizer que o assunto estava encerrado.

Mas durante a noite ajoelhou-se a meu lado e acordou-me com uma sucessão de pequenas palmadas no braço:

- Vai! - segredou-me com brandura ao ouvido. - Vai antes que ele acorde!

Minha fuga pelo deserto estava prestes a começar.

MOGADÍSCIO

Cidade portuária do oceano índico, Mogadíscio era linda nessa época. Caminhando pelas ruas, contemplava aqueles espantosos edifícios brancos rodeados de palmeiras e flores de cores vivas.

A construção de muitos deles ficara-se a dever aos italianos (na altura em que Mogadíscio era a capital da Somália Italiana), o que lhe conferia uma atmosfera mediterrânica.

Cheguei lá várias semanas após a minha fuga. Pelo caminho, ficara hospedada em casa de primos, que me deram notícias de Aman e também dinheiro para completar o trajeto. Já na cidade, indicaram-me onde ficava o bairro onde ela vivia, e uma vez lá chegada, perguntei a umas mulheres do mercado se a conheciam.

- Logo vi que as suas feições não me eram estranhas! - exclamou uma delas. Ordenou então ao filho que me levasse a casa da minha irmã. E lá fomos pelas ruas silenciosas até chegarmos a uma pequena cabana. Entrei e, encontrando Aman a dormir, acordei-a.

- Que fazes tu aqui? - perguntou ainda meio adormecida, como se estivesse a sonhar. Sentei-me então e contei-lhe a minha história. Finalmente, tinha alguém com quem falar que me compreenderia. Disse -me entretanto que encontrara marido, ótima pessoa e muito trabalhador.

Estava grávida daquele que seria o seu primeiro filho.

Apesar de ter uma casa pequena, de apenas duas divisões, lá concordou em deixar-me lá ficar até arranjar um lugar para mim. Passei a ajudar na limpeza da casa, na lavagem da roupa e nas compras. E, após a minha linda sobrinha ter nascido, passei também a ajudá-la a cuidar dela.

No entanto, foi-se tornando óbvio que eu e a minha irmã não éramos parecidas: ela era mandona e tratava-me como se eu ainda fosse a irmazinha que deixara cinco anos atrás.

Tínhamos outros parentes em Mogadíscio que eu já conhecia, pelo que fui bater à porta de um deles: a tia Sahru, irmã da minha mãe, a quem pedi guarida.

- Mais que tua tia, sou tua amiga. - respondeu. - Se queres ficar conosco, a casa é tua.

As coisas estavam a começar melhor do que eu pensara! Mais uma vez, fiquei de ajudar no trabalho doméstico.

Entretanto, preocupava-me pelo fato de ter deixado a minha mãe sem ninguém que a ajudasse.

Calculei então que, se lhe enviasse dinheiro, poderia amenizar a sua situação, pelo que certo dia fui procurar emprego. Ao passar por umas obras, consegui convencer o encarregado de que era capaz de carregar areia e misturar cimento tão bem como qualquer homem.

Na manhã seguinte, a minha carreira como operária da construção civil começou. Foi terrível!

Passei um dia inteiro a carregar toneladas de areia às costas e as minhas mãos

encheram-se de bolhas. Toda a gente pensava que eu desistiria, mas agüentei-me lá durante um mês. Nessa altura, poupara já 60 dólares, que enviei para a minha mãe através de uma pessoa conhecida.

Mas a minha mãe nunca os viu!

Recomeçara a ajudar a minha tia no trabalho doméstico quando certo dia recebemos a visita de Mohammed Chama Farah, embaixador da Somália em Londres. Era casado com outra tia minha, também ela irmã da minha mãe, chamada Maruim.

Enquanto limpava o pó na sala ao lado daquela em que a minha tia o recebeu, ouvi-o dizer que precisava encontrar uma criada antes de partir para Londres, onde fora colocado. Era a minha oportunidade!

Chamei a tia Saliru à parte:

- Por favor, pergunte-lhe se posso ser criada dele!

E ela, regressando à outra sala, sentou-se ao lado do cunhado e, com calma, perguntou-lhe:

- Por que não fica com ela? Ela é ótima na limpeza.

Chamou-me então e eu apressei-me a aparecer. Ao ver-me assim, de espanador na mão e mastigando ruidosamente um chiclete, o embaixador franziu o sobrolho.

- Diga-lhe que eu sou a melhor! - insisti com a minha tia.

- Chiu, Waris - retorquiu.

Depois, virando-se para o meu tio, continuou:

- Ela ainda é novinha, mas vai ser uma boa moça.

Durante alguns instantes, o tio Mohammed contemplou-me com repulsa.

- Está bem. Venho buscar-te amanhã e partiremos para Londres.

Londres! Não sabia onde era, mas sabia que era muito longe. E era mesmo para longe que eu queria ir! Minha excitação era indescritível.

No dia seguinte, o tio Mohammed foi buscar-me e deu-me o meu passaporte. Olhei para o documento, espantada: era a primeira vez que via um papel com o meu nome escrito!

Despedi-me da tia Sahru com um abraço e acenei-lhe um adeus.

CRIADA EM LONDRES

Na manhã da nossa chegada a Londres, quando o motorista saiu do aeroporto e levou o carro pelo trânsito de Londres, fui dominada por um sentimento de tristeza e solidão: aquela cidade era estranha e só via caras pálidas e doentias em meu redor.

A neve cobria os passeios de branco quando chegamos a uma zona residencial elegante. E

quando paramos à frente da casa do meu tio, mal pude conter o meu espanto: a residência do embaixador era uma mansão de quatro andares!

Dirigimo-nos para a porta principal e entramos. A tia Maruim cumprimentou-me no hall de entrada.

- Entra - disse num tom frio. - Fecha a porta.

Tinha pensado que correria para ela e lhe daria um abraço, mas algo na maneira como ela ali estava, com as suas roupas ocidentais de classe e as mãos colocadas uma sobre a outra, fez-me congelar logo à entrada.

- Em primeiro lugar, gostava de mostrar-te os teus deveres.

- Oh! - suspirei em voz sumida, sentindo a última réstia de energia abandonar o meu corpo - Tia, estou muito cansada. Queria deitar-me. Posso ir para a cama?

Tia Maruim levou-me até ao meu quarto: era do tamanho da cabana dos meus pais. Corri para debaixo dos cobertores. Nunca até então sentira algo tão

suave e celestial, e adormeci como se estivesse a cair por um longo túnel negro.

Na manhã seguinte, vagueava pela casa quando ela me encontrou.

- Que bom, já acordaste! Vamos para a cozinha para eu te mostrar aquilo que vais fazer.

Estupefata, segui-a: a cozinha reluzia com os seus azulejos azuis e armários de cor creme. O

centro era dominado por um fogão de seis bocas.

- Todos os dias, às seis e meia da manhã, servirás o café da manhã ao teu tio: chá de ervas e dois ovos quentes. Eu vou preferir café, no meu quarto, às sete horas. Depois, farás panquecas para as crianças. Eles comem as oito em ponto. Após do café da manhã...

- Tia, quem é que vai ensinar-me a fazer tudo isso? - interrompi. - E o que são panquecas?

Ela contemplou-me com uma espécie de olhar de pânico. Expirando lentamente, disse:

- Eu farei tudo no primeiro dia, Waris. Fica atenta. Ouve e aprende.

E eu assenti com a cabeça.

Ao fim de uma semana, conhecia já toda aquela rotina e segui-a todos os dias durante os quatro anos seguintes. Para uma menina que nunca tivera a noção do tempo, aprendi depressa a olhar para o relógio. E a viver de acordo com ele!

Após o café da manhã, limpava a cozinha, o quarto da minha tia e o banheiro dela. Depois, percorria todas as divisões da casa, limpando o pó, varrendo, polindo e encerando os quatro andares da casa. Trabalhava até cair na cama, por volta da meia-noite. Nunca tinha um dia de folga.

Em toda a África, é comum os elementos mais abastados de uma família

empregarem os filhos dos seus parentes mais pobres em troca do seu sustento. Por vezes, educam essas crianças como se fossem suas, mas há casos em que tal não acontece. Obviamente, meus tios tinham coisas mais importantes em que pensar.

Quando tinha cerca de 16 anos, durante o verão, a irmã do tio Mohammed faleceu e sua filha mais nova, Sophie, veio viver conosco. Meu tio matriculou-a na Escola Primária Anglicana All Souls, e a minha rotina matinal passou a incluir levá-la e buscá-la até àquele local.

Numa dessas manhãs, enquanto passávamos, vi um homem estranho a olhar para mim. Era branco, tinha cerca de 40 anos e usava rabo de cavalo. Tinha ido levar a filha à escola e não procurava esconder o fato de estar a olhar para mim.

Após eu ter deixado Sophie à porta, veio ter comigo e começou a falar. Dado que eu não falava inglês, não fazia a mínima idéia do que ele estaria para ali a dizer. Assustada, corri para casa.

A partir de então sempre que o via na escola, limitava-se a sorrir educadamente. Até que um dia me abordou novamente e deu-me um cartão. Meti-o no bolso e fiquei a olhar para ele enquanto se ia embora.

Ao chegar a casa, mostrei o cartão a uma das filhas da tia Maruim,

- O que é que diz?

- Diz que é fotógrafo.

Apercebi-me de que a minha prima queria voltar para o seu livro, por isso escondi o cartão no meu quarto. Algo me dizia que devia guardá-lo.

Quando já faltava pouco para o final da sua comissão, o tio Mohammed anunciou à família que em breve regressaríamos à Somália. Não foi idéia que me agradasse. Queria voltar para casa com dinheiro e sucesso, mas o pouco que conseguira poupar com o meu salário de criada era uma ninharia. Meu sonho era ter dinheiro suficiente para comprar uma casa pra minha mãe, e para conseguir isso achava que teria de ficar em Inglaterra. Como conseguiria

lá ficar, não sabia. Mas tinha esperança!

O tio Mohammed avisou-nos a todos da data da partida, bem como da necessidade de termos todos os passaportes em ordem. Eu tratei do meu: fechei-o num saco de plástico, enterrei-o no jardim e disse que não o conseguia encontrar. Meu plano era simples: se não tivesse passaporte, não me podiam levar dali. Meu tio ficou desconfiado, mas sosseguei-o:

- Deixe-me ficar. Não haverá problema!

Até à manhã da partida, nunca acreditei realmente que me fossem deixar ali sozinha. Mas foi o que aconteceu. Disse-lhes adeus do passeio e fiquei a olhar para o carro até este desaparecer de vista. Senti-me então assustada e invadida por um sentimento de grande pânico.

Nessa altura, fui buscar o meu pequeno saco, coloquei-o ao ombro, desenterrei o passaporte e lá fui rua abaixo sorrindo.

«VEJA-SE NO ESPELHO»

Nesse mesmo dia, entrei numa loja e vi uma mulher africana alta e bonita que examinava umas camisolas. Começamos a falar em somali e ela foi muito simpática. O seu nome era Halwu*.

- Onde vives, Waris, o que fazes?

- Oh, vai pensar que sou maluca, mas não vivo em lado nenhum porque a minha família voltou hoje para a Somália. Meu tio era o embaixador, mas agora vem o substituto. Por isso, neste preciso instante, não faço idéia de como será meu futuro.

Fez-me sinal para me calar, como se o movimento da sua mão conseguisse varrer todos os meus problemas.

- Tenho um quarto na ACM. Podes dormir lá esta noite.

Tornamo-nos boas amigas. Ao fim de alguns dias, fui para um quarto noutro edifício daquela instituição do outro lado da rua. Comecei então a procurar emprego.

- Por que não tentas já aqui? - Inquiriu HaIwu, apontando para um restaurante McDonald's.

- Não é possível. Não falo inglês e não sei ler. E, além disso, não tenho visto de trabalhadora.

Mas a minha amiga sabia como tornear a situação, e, pouco depois, comecei a trabalhar naquele local, na cozinha. Lavava pratos, limpava balcões, esfregava grelhas e varria o chão. À noite, chegava a casa cheirando a gordura. Mas não me queixava, pois ao menos agora conseguia sustentar-me. Estava contente por ter um emprego!

Comecei a freqüentar gratuitamente uma escola de línguas para aprender inglês e também a ler e a escrever. Pela primeira vez em muitos anos, os meus dias não se resumiam apenas ao trabalho.

Um dia, ao regressar do emprego, retirei o cartão do fotógrafo que colocara dentro do passaporte e fui até ao quarto de HaIwu. Mostrando-lhe o cartão, expliquei-lhe a história e confessei:

- Nunca consegui perceber o que é que ele queria.

- Bem - respondeu ela -, por que não lhe telefonas e perguntas?

- Fala tu com ele. Meu inglês ainda não é muito fluente.

E ela telefonou-lhe. Foi assim que no dia seguinte fui ver o estúdio de Milce Goss. Não fazia idéia daquilo que me esperava, mas quando abri a porta, mergulhei noutro mundo! Por todo o lado da recepção havia enormes cartazes com fotografias de mulheres lindíssimas.

- Oh! - exclamei, rodando sobre mim própria para ver tudo aquilo. Nesse momento, tive a certeza: o meu destino era aquilo. Minha grande oportunidade chegara!

Milce veio receber-me, explicando-me que logo que me vira quisera fotografar-me. Fiquei a olhar para ele, boquiaberta.

- Isto? Uma fotografia como estas? - perguntei, indicando os cartazes.

- Sim - respondeu ele, assentindo enfaticamente com a cabeça. - Tens um perfil espantoso!

Dois dias depois, regressei ao estúdio. A maquiadora sentou-me e começou o seu trabalho, utilizando algodões, escovas, esponjas, cremes, pinturas e pós, ao mesmo tempo que me meneava a cara com os dedos e me esticava a pele.

- Agora - disse a dada altura, afastando-se de mim e olhando-me com satisfação -, Veja-se no espelho.

E foi o que fiz. Minha cara transformara-se: estava dourada, sedosa e leve sob o efeito da maquiagem.

- Uau! Olhem para mim!

Em seguida, a maquiadora levou-me até Mike, que me sentou num banco. Observei nessa altura objetos que nunca vira até então: a máquina fotográfica, as luzes, as caixas de pilhas e os fios, pendurados por todo o lado como cobras.

- OK, Waris - disse ele -, junta os lábios e olha em frente. Levanta o queixo ... isso mesmo!

Muito bem!

Segundos depois, Mike retirou um pedaço de papel da sua máquina e fez-me sinal para chegar ao pé dele.

Retirando uma folha que cobria a fotografia, mostrou-me então o resultado. Conforme fui olhando, foi aparecendo a imagem de uma mulher como que por magia. E quando me passou a Polaroid para as mãos, mal me reconheci! Ali estava uma maravilhosa criatura como aquelas dos cartazes da recepção. Tinham-me transformado: em vez da Waris criada, transformara-me na Waris modelo!

UMA OPERAÇÃO BEM-VINDA

Algum tempo depois, uma mulher de uma agência de modelos que vira aquela foto mandou-me a um casting. Não fazia idéia daquilo a que ela se referia, mas deu-me dinheiro para o táxi e um papel com um endereço.

O local estava cheio de modelos profissionais, pavoneando-se como leoas que se preparam para matar a presa.

- Que trabalho é este?

- É o calendário da Pirelli.

-Mintrim - assenti -, obrigado. Mas que raio será isso?

O fotógrafo, Terence Donovan, trouxe-me um chá e mostrou-me todo o seu trabalho.

Em cima de uma mesa estava um calendário, que a dada altura começou a folhear: em cada página havia uma mulher diferente, mas sempre incrivelmente bonita.

- Este é o calendário da Pirelli do ano passado - explicou -, mas este ano será diferente: Só terá mulheres africanas.

Passou então a explicar-me todo o processo. Nessa altura, senti-me à vontade, e a partir de então passei a ser uma verdadeira profissional. Terminado o trabalho, a fotografia escolhida para a capa foi... a minha!

Minha carreira de modelo foi melhorando cada vez mais, com trabalhos em Paris, Milão e depois Nova Iorque, onde comecei imediatamente a ter mais trabalhos e a ganhar mais dinheiro do que em qualquer outra parte. Apareci numa série de anúncios de um joalheiro envergando túnicas brancas africanas. Depois, vieram os anúncios às maquiagens da Revlon após o que se seguiu o do seu perfume. Neste, uma voz dizia: «Do coração de África chegou uma fragrância que conquistará o coração de todas as mulheres.»

Apareci também noutro anúncio, igualmente da RevIon, ao lado de Cindy Crawford, Claudia Schiffer e Lauren Hutton. Os projetos choviam, e não tardei a ser convidada para posar para grandes revistas da moda, tais como a

Elle, a Glarnour e a Vogue, quer na sua edição italiana, quer inglesa e americana.

Contudo, não obstante toda a excitação e sucesso desta minha nova vida, trazia comigo feridas do passado. O pequeno orifício que a circuncisadora me deixara só permitia que a urina passasse gota a gota. Levava sempre cerca de dez minutos a urinar. Ao mesmo tempo, também os meus períodos menstruais eram um martírio. Não conseguia trabalhar durante vários dias em cada mês.

Limitava-me a ir para a cama e só desejava morrer. Não acreditava que aquele suplício pudesse passar. O problema agravou-se na altura em que vivia com o meu tio Mohammed.

Certo dia, de manhã cedo, na altura em que levava o tabuleiro da cozinha para a mesa da casa de jantar, desmaiei subitamente e os pratos despedaçaram-se no chão. Quando voltei a mim, a tia Maruim disse:

- Temos de levar-te ao médico. Vou marcar-te uma consulta com o meu para esta tarde.

Não disse ao médico que fora circuncidada. E dado que ele não me examinou, não descobriu o meu segredo.

- A única coisa que lhe posso receitar é a pílula anticoncepcional. - disse - Isso fará que não sinta dores.

Comecei a tomá-la, mas o seu efeito produziu grandes mudanças no meu corpo, que pareciam estranhas e pouco naturais. Decidindo que era preferível agüentar as dores, parei de tomar aquilo.

E tudo voltou ao mesmo, embora com sintomas ainda piores. Mais tarde, fui a outros médicos, mas também eles me quiseram receitar a pílula. Compreendi então que tinha de proceder de outro modo e disse à minha tia:

- Talvez necessite de ir a um especialista.

- Não - respondeu ela decidida, olhando-me com severidade - E por falar

nisso: o que é que costumas dizer a esses médicos?

- Nada. Digo-lhes só que não quero ter mais dores.

Mas recebera a mensagem contida naquele comentário: «A circuncisão é um costume nosso, africano. Não é coisa de que se fale a esses brancos.»

No entanto, comecei a aperceber-me de que era exatamente isso que tinha de fazer se não quisesse sofrer e viver como uma inválida durante um terço de cada mês.

Ao entrar no gabinete do Dr. MaCrae, disse-lhe:

- Há uma coisa que não lhe contei: sou da Somália e ... e ...

Nem sequer me deixou acabar a frase.

- Vá-se mudar: quero examiná-la. - E, ao ver a minha expressão de pavor, acrescentou: - Não há problema.

Chamou a enfermeira para me levar ao local onde me podia mudar, para me colocar a bata e perguntar se havia alguém naquele hospital que falasse somali. Mas quando ela regressou, trazia consigo um homem! Só pensei: «Aqui está uma triste sorte, falar disto utilizando um homem como intérprete! Que mais me irá acontecer? »

- Explique-lhe que está fechada demais - começou o Dr. Macrae. - Nem sei como é que sobreviveu até aqui. Temos de operar o mais depressa possível.

Passou-se mais de um ano até que conseguisse fazer a operação: tive de ultrapassar alguns problemas de ordem prática, bem como as minhas próprias dúvidas de última hora. Mas o Dr.

Macrae fez um bom trabalho, pelo qual lhe estarei sempre grata. Disse-me ainda:

- Não está sozinha: é freqüente aparecem aqui muitas mulheres com o mesmo problema, não só somalis, mas também sudanesas e egípcias. Algumas delas estão grávidas e aterrorizadas. Por isso, vêm ter comigo sem que os maridos

saibam e procuro fazer o melhor que sei.

Ao cabo de três semanas, já me conseguia sentar no vaso sanitário e aliviar-me num instante.

Não há palavras para descrever a minha sensação de liberdade!

DE REGRESSO À SOMÁLIA

Em 1995, a BBC propôs-se fazer um documentário sobre a minha vida de supermodelo. Disse ao produtor, Gerry Pomeroy, que colaboraria se me levasse à Somália para tentar encontrar minha mãe. E ele aceitou!

De repente, o deserto encheu-se de mulheres que afirmavam ser a minha mãe. Mas nenhuma era ela.

Foi então que Gerry teve uma idéia:

- Precisamos de algum segredo que só a tua mãe saiba a teu respeito.

- Bem, ela costumava tratar-me por um nome carinhoso: Avdohol.

- Será que se recorda dele?

- Creio que sim.

Começou então um aturado trabalho de buscas. Consultamos mapas, tentei mostrar-lhes quais as regiões por onde a minha família costumava andar na fronteira com a Etiópia.

Até que um dia me telefonaram:

- Julgamos tê-la encontrado: não se lembra do nome que te dava, mas disse que tinha uma filha chamada Waris que trabalhou para o embaixador em Londres.

Apanhamos então o avião para Adis Abeba, na Etiópia, onde alugamos um pequeno bimotor para nos levar a Galadi, uma aldeia da fronteira entre a Etiópia e a Somália, onde alguns refugiados somalis tinham se juntado para

fugir à guerra no seu país.

Descobrimos que aquela mulher não era a minha mãe. Passamos por isso a aldeia a pente fino, perguntando a toda a gente se tinham informações sobre a minha família. Um homem de idade veio então ter comigo e disse:

- Lembras-te de mim?

- Não.

- Bem, sou o Ismail. Sou da mesma tribo que o teu pai. Sou muito amigo dele.

Recordei-me então de quem ele era e senti-me envergonhada por não o ter reconhecido, mas já não o via desde criança.

- Julgo saber onde está a tua família. Acho que conseguirei encontrar tua mãe. Mas preciso de dinheiro para a gasolina.

A equipa da BBC concordou e deu-lhe algum dinheiro. De imediato, Ismail saltou para a sua carroça e partiu, levantando uma coluna de poeira. Passaram-se três dias sem que houvesse sinais da minha mãe. Gerry revelava-se cada vez mais inquieto.

- Garanto-te que a minha mãe estará aqui amanhã pelas seis horas – Eu disse. Não sei de onde me veio aquela idéia. Apareceu sem que soubesse de onde.

No dia seguinte, Gerry apareceu -me a correr por volta das dez para as seis:

- Não vais acreditar! O homem voltou e traz uma mulher com ele. Diz que é a tua mãe.

Mais à frente, lá estava a carroça de Ismail. Reparei numa mulher que descia do seu banco cuja cara não conseguia ver. Mas a maneira como usava o lenço era inconfundível. Corri para ela:

- Oh, mamãe!

De início, apenas falamos sobre coisas corriqueiras do quotidiano. Mas a

felicidade que sentia por estar a vê-la apagava o fosso que havia entre nós. Meu pai partira em busca de água quando

Ismail chegou. Minha mãe disse que ele estava ficando velho. Olhava para as nuvens à procura de chuva, mas precisava desesperadamente de óculos, pois a sua vista estava cada vez pior.

Meu irmãozinho, Ali, também estava com ela, bem como um dos meus primos. Agarrava-me a ele e ele gritava:

- Já chega! Já não sou um bebê! Vou-me casar!

- Casar? Que idade tens?

- Não sei, mas já tenho idade para casar.

Havia um tema ao qual eu nada podia contrapor. Foi a minha mãe que o puxou:

- Por que não estás casada?

- Mamãe, é obrigatório estar casada? Não queres ver-me ter sucesso, ser forte e independente?

- Bem, eu queria era ter netos.

Na manhã seguinte, antes da chegada do avião que nos vinha buscar, perguntei à minha mãe se gostaria de ir viver comigo para Inglaterra ou Estados Unidos.

- Para fazer o quê?

- É mesmo essa a questão: não quero que faças nada. Já trabalhaste muito e chegou a altura de descansares.

- Não. Teu pai está a ficar velho e precisa de mim. E, além disso, não gosto de estar sentada. Se quiseres fazer alguma coisa por mim, arranja-me uma casa na Somália para onde possa ir no dia em que me sentir cansada. Minha casa é aqui. Este país é a única coisa que conheci até hoje.

Abracei-a então com força:

- Eu te amo, mamãe! Um dia volto para te ver, não te esqueças.

A MINHA MISSÃO

Nessa altura, a minha carreira estava no auge: aparecia em anúncios e comerciais, para além de trabalhar com os mais famosos nomes do mundo da moda. Tinha uma vida paradisíaca!

Dissera à minha mãe não ter encontrado ainda o homem certo para mim. Mas foi então que numa noite do Outono de 1995 o descobri num pequeno clube de jazz de Nova Iorque. Era um baterista tímido, com um estilo afro dos anos 70 e funky. O seu nome era Dana Murray e soube que era o meu homem mal o vi.

Ao jantar, na noite seguinte, ri-me e disse-lhe que um dia ainda viria a ter um filho seu. Pela primeira vez na minha vida, queria um homem. Pouco tardei a aperceber-me de que estávamos apaixonados e queríamos passar juntos o resto das nossas vidas. E meu louco vaticínio tornou-se realidade com o nascimento do nosso filho no dia 13 de Julho de 1997. Era lindo, com o seu cabelo negro sedoso e mãos e pés compridos.

Chamei-lhe Aleeke. Aquela boca pequena, a cara bochechuda e os macios caracóis cor de azeviche fazem-no ainda hoje parecer-se com um pequeno cupido negro.

A partir do dia em que nasceu, a minha vida alterou-se: a felicidade que ele me dá é, hoje em dia, tudo para mim. A vida - a dádiva da vida - é o mais importante de tudo, e foi isso que dar à luz o meu filho me fez recordar.

Após passar o ciclo da feminilidade, que começou prematuramente com a minha circuncisão aos 5 anos e se fechou quando o meu bebê nasceu, por volta dos 30 anos, comecei a sentir um respeito ainda maior pela minha mãe, pois apercebi-me realmente da incrível força das mulheres da Somália.

Comecei a pensar na menina negra da savana, que caminha quilômetros e quilômetros para dar água às suas cabras, padecendo de dores menstruais que

mal consegue agüentar... na mulher grávida de nove meses a correr o deserto em busca de alimentos para os seus filhos esfomeados ... Na esposa que vai ser cosida com agulha e linha mal dê à luz, para que a sua vagina se mantenha estreita e o seu marido possa ter mais prazer ... ou na jovem esposa que ainda está quase totalmente cosida e chega o momento de nascer o seu primeiro filho. O que acontece quando parte para o deserto sozinha, como fez a minha mãe?

Conforme fui crescendo e estudando, fui-me apercebendo de que por causa de um ritual cruel, muitas das mulheres do continente africano levam uma vida de sofrimento.

Alguém tem de falar pelas jovens sem voz! E dado que comecei como nômade, tal como tantas delas, senti que o meu destino era ajudá-las.

Há algum tempo, Laura Ziv, que escreve para a revista da moda Marie Claire, marcou um encontro comigo para me entrevistar. Quando a vi, simpatizei logo com ela e disse-lhe:

- Não sei que tipo de história queria de mim, mas, essas coisas da vida de modelo estão mais que pisadas e repisadas. Se garantir que a publica, posso contar-lhe uma história verdadeira.

- Bem, farei o meu melhor respondeu ela, ligando o gravador.

Comecei então a contar-lhe a história da minha circuncisão quando era criança. A meio da entrevista, começou a chorar e desligou o gravador.

- É horrível, é nojento - disse. - Nunca sonhei que essas coisas ainda acontecessem hoje em dia.

- É essa a questão - salientei. - As pessoas do Ocidente não sabem de nada.

Quando a entrevista saiu, mexeu fortemente com o público, e a redação da revista viu-se atolada numa chuva de cartas. Quanto a mim, comecei a dar mais entrevistas e palestras em escolas, organizações locais e em qualquer lado onde pudesse alertar as pessoas para aquilo que se passa.

Em 1997, o Fundo para a População das Nações Unidas convidou-me para me juntar à sua luta no combate pelo fim da circuncisão feminina, ou mutilação genital feminina (MG,F), nome pelo qual é mais conhecida hoje em dia. A Organização Mundial de Saúde compilou alguns dados estatísticos verdadeiramente aterradores que dão uma boa perspectiva da gravidade da situação.

Após ter visto aqueles números, tornou-se claro que aquele problema não era só meu.

A MGF é praticada predominantemente em África ou, mais concretamente, em 28 países deste continente. Mas existem também relatos de casos ocorridos nos EUA e na Europa, onde existe um elevado número de imigrantes africanos. São cerca de 130 milhões as mulheres e crianças que em todo o Mundo foram já submetidas a esta prática. E pelo menos mais dois milhões correm anualmente o risco de serem as próximas, ou seja - 6000 por dia!

Foi com grande orgulho que aceitei a proposta do Fundo para a População da ONU no sentido de me tornar embaixadora especial e juntar-me à sua luta. Voltarei a África para contar a minha história e falar contra este crime!

Alguns amigos têm-me expressado a sua preocupação pelo fato de poder vir a ser vítima de algum fanático, uma vez que muitos fundamentalistas consideram a MGF uma prática exigida pelo Alcorão.

No entanto, isso não é assim: nem o Alcorão nem a Bíblia fazem quaisquer referências à mutilação genital feminina.

Só espero que venha o dia em que nenhuma mulher terá de experimentar esta dor e que a mesma se torne uma coisa do passado.

SÓ AMOR

A partir do momento em que Deus me salvou da boca de um leão, senti que Ele tinha planos para mim. Minha fé diz-me que Deus tem trabalho para mim e que é essa a minha missão.

Tenho a certeza de que o meu trabalho será difícil e admito ter medo. Mas prefiro arriscar. Afinal de contas, não foi isso que fiz toda a vida?

Os leitores preocupados com a MGF podem solicitar um pacote de informações gratuito à Organização Mundial de Saúde, Departamento de Saúde Feminina (RD), Sistemas de Saúde e Saúde Comunitária, Avenue Appia, 20, CH-1211 Genève 27, Suíça. Endereço na internet www.who.int/fgm

DESERT FLOWER, COPYRIGHT 1998 DE WARIS DIRIE, SERÁ PUBLICADO

BREVEMENTE POR EDIÇÕES ASA,

AVENIDA DA BOAVISTA. 3265, SALA 4-14 PORTO, TEL. 22 616 60 30

Document Outline

- DE MENINA A MULHER
- DE REGRESSO À SOMÁLIA